



2'

CONJUNTURA

A educação e o 'apartheid'

O marco mais importante da história do trabalho no Brasil ocorreu há exatos 112 anos: a abolição da escravatura. No entanto, a nossa desigualdade é comparável à da África do Sul, um dos países mais iníquos do mundo que acabou de se libertar do *apartheid*, sua maior fonte de injustiças sociais. O que se questiona é se a tendência dos afro-brasileiros é prosperar – reduzindo as disparidades raciais observadas – ou regredir, ampliando-as. Avaliamos a mobilidade ocupacional, por raça, nas metrópoles brasileiras em horizonte de cinco anos: a probabilidade daqueles que se encontravam, inicialmente, no grupo ocupacional alto (empregados formais privados e públicos e empregadores), de migrar para ocupações precárias (empregados sem carteira, autônomos e não remunerados) foi 26,79% no caso dos afro-brasileiros, contra 22,05% dos demais. Ao passo que a análise do destino daqueles em ocupações de baixa qualidade revelou mecanismos de ascensão menos intensos nos grupos afro-brasileiros (26,71% contra 30,42% dos demais). A comparação de pessoas de raças diferentes, mas com outros atributos individuais equivalentes (sexo, região, religião, setor de atividade etc.), revela que o principal determinante da convergência da qualidade da ocupação entre raças é a escolaridade. David Lam e Ricardo Paes de Barros, nos ensinam que os negros sul-africanos apresentam um nível educacional médio superior, tanto em relação a negros como a brancos brasileiros. Em suma, apesar dos avanços recentes, a situação educacional do Brasil é pífia. Precisamos produzir uma revolução democrática na educação para crescer, combater a desigualdade e, em particular, reduzir o fosso ainda existente entre raças.